Tales Faria

PT dá posse a Edinho Silva e discute relação com Donald Trump

PT inaugura sua campanha eleitoral neste final de semana durante o 17º Encontro Nacional do partido, que se realiza em Brasília. Os encontros nacionais do PT têm o caráter oficial de convenção partidária.

Este encontro, que ocorrerá a partir da sexta-feira (1º) até o domingo (3), será marcado por dois fatos:

- a posse do novo presidente da sigla, o ex-prefeito de Araraquara Edinho Silva, que também foi ministro da Comunicação de Dilma Rousseff;

- a reação que o governo deve ter à tarifação de 50% imposta pelo governo de Donald Trump à importação de produtos brasileiros.

Edinho Silva declarou à coluna que a discussão sobre a relação com Trump não poderia ficar de fora desse 17º Encontro. "É, na verdade, a discussão sobre a soberania nacional, e isso não podia ficar de fora", afirmou.

Segundo Edinho Silva, o PT defende a manutenção de canais de negociação com os Estados Unidos em torno da questão das tarifas, "mas é preciso, primeiro, saber o que o Donald Trump quer negociar".

Edinho será empossado ao final do evento, no domingo, junto com os demais membros do Diretório Nacional, com a presença do presidente Lula, ministros, governadores de Estado, parlamentares, presidentes estaduais e dirigentes do PT.

Ele já deixa claro à coluna que o Brasil não abre mão da soberania nacional:

Temas que esbarrem na nossa soberania são inegociáveis. Não dá para negociar barreiras ao PIX, abrir mão das nossas terras raras e aceitar interferência em outros poderes."

O partido está acompanhando as negociações do governo federal para, então, colocar publicamente suas posições após esse Encontro Nacional que tem a participação de 1.000 delegados:

"O governo está negociando. A oposição não pode dizer que não negociamos. E o PT está aberto a negociações. Mas temos que saber o que, de fato, eles querem. Isso é negociar."

Os delegados e delegadas de todos os estados do país debaterão a chamada "Tese Guia", um documento elaborado pela tendência majoritária do partido, a CNB (Construindo um Novo Breasl) cujo texto foi eleito no Processo de Eleição Direta (PED) 2025. O texto afirma, entre outras coisas:

"Trump tenta transferir o ônus dos problemas internos dos EUA para o resto do mundo. Tudo indica que os efeitos danosos da política de Trump começam a afetar o seu apoio interno, inclusive em setores do establishment. Além disso, alguns países têm retirado parte dos seus investimentos dos EUA em busca de sistemas de comércio que não dependam exclusivamente do dólar, devido ao sentimento de insegurança geral. (...)Tem-se a impressão de que há muito jogo de cena, mas não devemos subestimar o estrago que ela pode causar devido ao grande peso que os EUA continuam a ter na geopolítica e na economia global."

Com base nessa avaliação, cresce no PT a tese de que o Brasil deve reagir energicamente ao tarifaço, porque, como diz o norte-americano Paul Krugman, prêmio Nobel de Economia e articulista do The New York Times, Donald Trump teria muito mais a perder do que o Brasil com uma guerra de tarifas.

Fernando Molica

Os sotaques que nos definem e protegem

"Mas deu muito dó dela": a frase chamou a atenção pelo fato em si e pelo jeito com que foi contado. Normal que sintamos pena e dor por alguém, mas, em Minas, essa comiseração vai além, dá dó.

Assim, escrita, a expressão fica meio esquisita, infantil, remete a antigas cartilhas de alfabetização — da, de, di, do, du —, não dá idea nem de uma fração da piedade e da solidariedade que o interlocutor quis transmitir ao falar. Ninguém sente e fala dó como mineiro.

É que, por mais que tentemos maneiras de aproximação com a linguagem oral, é impossível reproduzir as múltiplas facetas presentes no jeito de falar, na entonação, no ritmo, na pronúncia, esse conjunto de variações que costumamos classificar de sotaque, algo que acaba incluindo o uso de determinadas palavras.

A definição de sotaque tende a um certo preconceito, ainda que carinhoso. Sotaque é aquilo que os outros têm, são variações que saltam aos nossos ouvidos porque, de alguma forma, diferem do padrão ao qual nos acostumamos desde muito pequenos.

Capital da colônia, do Império e da República por quase 200 anos, sede da Rádio Nacional e, depois, da TV Globo, o Rio é talvez a cidade brasileira cuja população menos se dê conta de que fala com sotaque — né mermo, Evandro Mesquita?

Temos dificuldade de admitir que nosso jeito de falar tem muito a ver com o dos portugueses, ao longo dos séculos, por aqui se estabeleceram. Em 1808, com a vinda da família real, o Rio passou a ser capital de um império europeu.

O português que aqui se falava era a linguagem do poder. Devidamente adaptado e adocicado, esse jeito de nos expressarmos evoluiu ao ponto de ser impossível diferenciar o que queremos dizer ao falarmos "isqueiro" ou "chiqueiro".

Tudo isso é só pra falar da alegria de, por três dias, ficar numa cidade mineira, de ouvir todas aquelas pessoas falarem de um jeito que me carregava de volta à infância, às minhas viagens a Viçosa, cidade que abrigaria minha família paterna, que viera da vizinha Cajuri.

Foi como se ficasse, de novo, cercado de tias e primos por todos os lados — e tome de "ó", "trem", "cê", de diminutivos que, de tão pequenos, terminam antes das sílabas regulamentares: "pouquim", "pertim", "quentim".

E foi assim que ouvi a interlocutora falar que sentira "dó" de alguém. Apesar da dramaticidade do relato, foi impossível segurar um sorriso carinhoso que marcava meu reencontro com a palavra.

Mineiros são, entre os brasileiros, os que mais se orgulham de seu sotaque. Não se cansam de brincar com isso, tratam de divulgar a história do jeito local de fazer café, o "Pó pô pó?" (tradução: "Pode pôr pó?").

Sotaques são uma forma de afirmação quase instintiva, um jeito de preservamos nossos primeiros contatos com a língua, o mais poderoso instrumento de conhecimento da vida e que reforça nossa condição humana.

Por mais que venhamos a aprimorar nossas habilidades com o idioma, e por mais expostos que estejamos a outras falas, tratamos de preservar nosso jeito original de nos expressarmos, aquele que nos foi sussurrado por nossos pais e avós, a pronúncia que nos fez descobrir que estávamos vivos, capazes de conversar com o mundo.

Ao falarmos com algum sotaque, indicamos de onde viemos, e que estamos, de alguma forma, protegidos pelo sopro de vida que, com tanto amor, nos foi passado ainda no colo e no berço.

Sérgio Cabral*

Políticas públicas

Tenho percorrido o estado do Rio com meu filho, Marco Antônio, que já foi deputado federal e secretário de esportes e lazer do estado. Ele é pré candidato a uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado.

Tem me feito muito bem andar com o Marco Antônio pelas "esquinas" do nosso Rio. Temos compartilhado pelas redes sociais o que realizamos durante oito anos de governo, 2007-2014.

Na segurança pública o reconhecimento vem da população que lembra de um período de paz. Moradores das comunidades e dos bairros viram seus territórios prosperarem com novos comércios e serviços. O ir e vir garantido sem o domínio paralelo dos fuzis do tráfico ou da milícia. Os profissionais da segurança nos abordam o tempo inteiro pelo que fizemos na valorização de suas carreiras. Policiais militares, civis e penais, além dos bombeiros militares, nos lembram de um período onde suas carreiras foram fortalecidas do ponto de vista salarial e nas suas condições de trabalho. Além da criação do RAS- Regime Adicional de Serviço, e as operações Lei Seca, Barreira Fiscal e Segurança Presente.

Na saúde foram sete novos hospitais: Instituto Estadual do Cérebro e Hospital da Criança na capital, Hospital de Traumatologia Dona Lindú, em Paraíba do Sul, Hospital Regional Zilda Arns, em Volta Redonda, Hospital da Mãe, em Mesquita, Hospital da Mulher Heloneida Studart, em São João de Meriti, e Hospital da Região dos Lagos, em Bacaxá-Saquarema. Além do Rio Imagem na Presidente Vargas e da inauguração de 55 UPAs 24h espalhadas pelo estado. E o PET, programa estadual de transplantes, que tirou o Rio da lanterna para o segundo lugar de transplantes no Brasil, no período.

Hoje, nesse espaço, ficarei nesses dois temas, segurança e saúde, que são apontados em todas as pesquisas de opinião pública como as maiores carências e necessidades da população. E que, de fato, os são. Como sair de casa e ir para o trabalho e o lazer sem segurança? Como abrir um negócio sem a garantia do ir e vir de seus funcionários e de suas mercadorias? Como criar seus filhos com o temor de que algo de ruim aconteça com eles nas ruas?

Quanto à saúde, a esmagadora maioria da população não dispõe de um plano particular. Depende do serviço público. Vai para a tal fila do Sisreg e sofre por meses e, muitas vezes anos, para ter uma cirurgia. Sofre nas filas de atendimento por falta de médicos e profissionais para cuidar de seus filhos. Não há agonia maior do que padecer com um ente querido na luta para cuidar de sua saúde.

Enfim, cara leitora, caro leitor, tomo carona no samba do mestre Paulinho da Viola, "Passado de Glória", para dizer que se eu for falar desse período, 2007-2014, "hoje eu não vou terminar".

Boa semana!

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã
O "Conde Zeppelin" atingirá hoje o Brasil

HÁ 95 ANOS: ALEMANHA SE PREPARA PARA ELEIÇÕES GERAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de julho de 1930 foram: Estudante entra no gabinete do ministro do interior da Romênia e o dá um tiro à queima roupa, quase o matando-o. Eleições governamentais no estado mexicano de Chihuahua terminam sangrentas, com vários mortos e feridos. Partidos políticos alemães se preparam rumo às eleições gerais para o Parlamento.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES ESTARÁ NA REUNIÃO DA UDN EM GOIÁS

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes parte para Goiás, para acompanhar o último dia da reunião estadual da UDN, antes de ir para a reunião de Minas Gerais. Praticamente todos os partidos do PR mineiro vão com o Brigadeiro. PSD mineiro discute candidato ao governo. Inglaterra não decidiu se ajudará os EUA na Guerra da Coreia.

EDITORIAL

Brasil, Trump e os metais 'raros'

O que aconteceu com a China pode estar bem perto de ser o destino do Brasil. Assim como o acordo entre norte-americanos e chineses, os chamados "metais raros" podem ser o fiel da balança para que não tenha a tal taxa de 50% em cima dos produtos brasileiros.

Mas afinal, o que esses metais são importantes e por que são tão cobiçados pelo presidente Donald Trump?

Eles são importantes para a indústria de tecnologia, principalmente de baterias e, por isso, a cobiça de Trump por esses materiais, para fortalecer ainda mais as indústrias norte-americanas e ter o monopólio da exploração em terras onde os países não fazem ou fazem com pouca frequência, caso do Brasil.

Não que essa venha a ser a principal moeda de troca para as tarifas serem diluídas, mas é um passo interessante a ser posto à mesa, na hora das negociações, pois foi com esse mesmo ímpeto que Trump chegou a um acordo com a China.

Dentre os metais raros podemos destacar o lítio, essencial para baterias recarregáveis de veículos elétricos e eletrônicos; o cobalto; crucial para baterias e superligas; o nióbio, usado em ligas de aço de alta resistência em tubulações aeroespaciais; o índio, usado em telas de LCD; e o gálio, presente sem LEDs e semicondutores.

Eles são considerados raros, pois a extração e separação desses metais de outros minerais e entre si é um processo complexo, energeticamente intensivo e muitas vezes prejudicial ao meio ambiente, exigindo tecnologias avançadas e custos elevados. Além disso, para muitas aplicações de alta tecnologia, esses metais precisam ser purificados a um nível muito alto, o que adiciona outra camada de complexidade e custo.

E onde podem ser utilizados no dia a dia? Smartphones, computadores, televisores (telas LED/LCD), turbinas eólicas (ímãs de neodímio), veículos elétricos e híbridos (baterias e motores), sistemas de radar, equipamentos de mira, lasers, conversores automotivos e refino de petróleo.

Por isso, a cobiça de Trump por esses elementos "raros" e a possibilidade do Brasil conseguir, através deles, uma diminuição nas tarifas de 50%.

'Revolta da vacina' é coisa do século passado!

No início do século passado, mais precisamente em 1904, houve no Rio de Janeiro um violento episódio que ficou conhecido como "Revolta da Vacina". Os cidadãos da então capital brasileira reagiram violentamente a uma determinação do governo de obrigatoriedade da vacinação contra a varíola.

Ainda que se possam hoje questionar métodos truculentos à época utilizados para obrigar às pessoas tomarem a vacina, a importância da obrigação, do ponto de vista sanitário, é inegável. A varíola, doença gravíssima, foi erradicada. E, a partir daí, a vacinação foi sendo incorporada de forma importante na rotina dos brasileiros.

A "Revolta da Vacina" aconteceu há 121 anos. Desde então, deveria ter se tornado algo inquestionável a importância da imunização na saúde pública. Por isso, espanta que tanto tempo depois ainda haja pessoas que resistam à vacinação. Espanta mais ainda que esse número tenha aumentado, depois que o Brasil se tornou referência mundial em vacinação.

No domingo, uma ação importante foi feita em Brasília. Quem levou suas crianças ao Zoológico pode lá vaciná-las e deixa em dia o cartão de imunização. O Brasil precisa recuperar o terreno perdido por esse inexplicável retrocesso quanto à compreensão da importância da vacinação. "Revolta da Vacina" é coisa do século passado!

Opinião do leitor

O bem presente

Meus travesseiros falam; conversam com teu coração; trocam olhares e saudades; sorriem com o vento carinhoso; pousando no meu rosto; sinto tua alma presente; aperto as mãos no peito; feliz com teu aceno do céu

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.